

23/1/1986

PM desfaz piquetes de "bóias-frias" e prende 45 grevistas em Guariba

Guariba (SP) — A invasão de duas fazendas por 150 pessoas, a prisão de 45 trabalhadores — entre eles, oito menores — e o fracasso dos piquetes da madrugada marcaram, ontem, o terceiro dia da greve parcial dos bóias-frias de Guariba. O índice de paralisação foi considerado nulo pelos usineiros, e o próprio Sindicato dos Trabalhadores Rurais não soube avaliar o número de grevistas. Na cidade, há cinco mil bóias-frias. Uma mesa-redonda será realizada hoje às 9h30min, na Delegacia Regional do Trabalho, com a presença da Fetaesp, Copersucar, Sindicato das Indústrias do Alcool e Faesp — Federação da Agricultura do Estado de São Paulo.

As invasões ocorreram nas fazendas São José de Furtado e São Bento, pertencente à usina São Martinho. Grevistas coagiram motoristas de cinco caminhões a transportá-los e chegaram a impedir que as frentes de trabalho prosseguissem com a capina da cana. Os piquetes iniciados às 9h foram interrompidos às 14h, quando três viaturas da Polícia Militar, comandadas pelo tenente Claudemar Andreoli, conseguiram encontrá-los.

Armas

Sem usar violência, os policiais separaram os trabalhadores que estavam no campo dos piqueteiros e levaram os grevistas para a delegacia de Guariba. Foram apreendidos, além de cabos da enxada, um facão e um revólver calibre 22 deixado sobre o banco de um dos caminhões. Os detidos poderão ser enquadrados no Artigo 197 do Código Penal sobre crimes contra a organização do trabalho, prevendo pena de um mês a um ano de detenção. Segundo o delegado assistente da seccional de Araraquara, Francisco Lacorte Filho, é possível que eles sejam também processados por coação. Os menores detidos foram encaminhados ao juizado.

Os piqueteiros que saíram ontem do sindicato de Guariba mostraram que a greve dos trabalhadores rurais ressentia-se da falta de lideranças e caminha à deriva. A única proposta dos trabalhadores era de encontrar aqueles que estavam nas roças. Para isso, andaram mais de 40 quilômetros, embrenhando-se nos brejos, saltando riachos, esmagando as plantações de feijão e armando-se no caminho com cabos de enxada e pedaços de cana. Um dos caminhões parados pelos invasores (eles conseguiram deter três veículos) foi autorizado a seguir para a cidade transportando as mulheres, que mais resistiram em aderir ao movimento. "Quero ver se eles são machos para dar comida a mim e aos meus quatro filhos", reclamou Elza Alves de Araújo, da fazenda São José do Furtado e integrante da primeira turma de 40 mil pessoas a ser paralisada.

A CUT e a Fetaesp, os políticos e, principalmente, o PT, resolveram não apoiar a greve por considera-la um "movimento personalista", ou seja, deflagrada pelo presidente do sindicato de Guariba, José de Fátima — uma liderança considerada despreparada e que, sistematicamente, tem-se negado a assessoria da CUT e do PT. Ele reconhece, em pequenos grupos, o fracasso da greve, mas nas assembleias tem-se recusado a tomar qualquer posição neste sentido. "A decisão é do trabalhador. Eu apenas faço o que eles mandam", diz.

(Página 9)